

RESISTÊNCIA

LAKLÃNÕ/XOKLENG

NOSSO MARCO É ANCESTRAL

Fotografia e texto: Fernando de Almeida



EXPEDIENTE

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Centro de comunicação e expressão (CCE)
Departamento de Jornalismo
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Orientador: Professor Dr. Ivan Luiz Giacomelli
Acadêmico: Fernando de Almeida
Design e diagramação: Fernando de Almeida

Florianópolis, Dezembro de 2025
Semestre 2025/2

INTRODUÇÃO

Maio de 2021, devido à pandemia da Covid-19, eu estava na minha aldeia na Terra Indígena Laklãnõ, em isolamento, foi marcada a data do julgamento do Recurso Extraordinário 10.17.365, uma ação de reintegração de posse movida pelo Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina (IMA/SC), contra a Fundação Nacional do Índio (Funai) e os indígenas Xokleng, referente ao território chamado de Sassafrás. O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que o entendimento dado ao processo do povo Xokleng seria de repercussão geral, sendo assim, o resultado do processo serviria como base para outras demarcações de terras no país. Esse fato comoveu a todas as comunidades indígenas do Brasil e iniciou-se então um movimento para ir à Capital Federal acompanhar essa votação.

O movimento chamado de Levante pela Terra, levou mais de 4.000 indígenas ao acampamento montado na Praça da Cidadania em Brasília. Até aquele momento o Povo Xokleng nunca tinha ido à Capital Federal, apenas lideranças faziam esse trajeto, mas isso estava prestes a mudar. A comunidade, reunindo juventude, anciões, lideranças e famílias lotaram três delegações com aproximadamente 100 pessoas cada. Seu destino: Brasília. Missão: acompanhar a votação. Eu estava na metade do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, naquele momento permanecia afastado das atividades acadêmicas por estar em isolamento na aldeia.

Percebi a necessidade de registrar esse momento histórico para o meu povo: mandei um e-mail para a professora dra. Maria José Baldessar e pedi ajuda da Universidade, pois não tinha recursos para a viagem. Prontamente, ela se dispôs a me ajudar: me emprestou uma câmera fotográfica e conseguiu recursos de um projeto de Extensão. Foi assim que começou minha jornada e meus desafios. O primeiro veio com a logística, a professora Maria José me enviou a câmera pelo correio porém a previsão de chegada era para o dia 16 de junho, sendo que o ônibus que levou o Povo Xokleng saiu dia 15 e a votação estava marcada para o dia 17. Eu já estava desanimando, quando minha irmã Jucélia me deu uma ideia: ir de avião, porém eu nunca tinha viajado de avião e muito menos para longe e sozinho, o que me assustou um pouco. Mas a vontade de ir para a votação era mais forte, a solução foi minha irmã parcelar a passagem em três vezes e assim consegui embarcar no dia 16.

Mas ainda tinha o desafio de chegar ao aeroporto que fica na cidade de Navegantes, no norte de Santa Catarina, distante cerca de 240 quilômetros. Minha mãe e meu cunhado Robson Fernandes me levaram e parti rumo à Capital do país. Com apenas uma mochila e uma câmera, desembarquei em Brasília às 02h:00 da madrugada. Não sabia onde era o acampamento, peguei um taxi e pedi que me levasse até onde os indígenas estavam acampados, por sorte o motorista sabia onde era. Cheguei na Praça da Cidadania às 02h:30. Andei pelas barracas à procura do meu povo Xokleng que havia chegado um dia antes. No meio da neblina, enxerguei um amigo e pedi um lugar em sua barraca para passar o resto da noite. Por azar ele já estava com seu irmão em uma de apenas dois lugares, mas isso não foi problema: empurrei um para um lado e outro para outro e dormi.

Capítulo 1

Primeiros dias em Brasília

A votação acabou sendo adiada para o dia 30, então, os povos indígenas aproveitaram para ampliar seus acampamentos. Nas fotos estão o povo Laklãnõ/Xokleng. Apesar da movimentação e da viagem ser algo diferente do nosso cotidiano, armar acampamento não é algo trabalhoso e, sim divertido: o povo se une e se ajuda, cada um contribui com o que sabe fazer, todos se ajudam e, em poucas horas, o acampamento ganha vida. O povo Laklãnõ sente a diferença da culinária local, sua dieta alimentar não inclui muitos temperos, o que faz com que muitos, inclusive eu, passem dias com muita diarreia.

Com o apoio da liderança, tratamos de improvisar uma cozinha comunitária, para preparar os alimentos nós mesmos. Apesar da situação em que estavam, o povo estava feliz em estar na Capital do país e orgulhosos por representar seu povo, percebi isso nas entrevistas que fiz com alguns parentes. Afinal são os primeiros a se aventurar por três dias de viagem de ônibus. O grupo se dividiu em três, foi montado então três cozinhas comunitárias, eu não tinha lugar definido, por isso, comia em qualquer acampamento.







"Lai Maninos"
Buglo











Acampamento pronto, comida feita, uma pausa para as pinturas típicas, tudo tinha que ser feito durante o dia, pois à noite os geradores que alimentam o acampamento eram desligados. Eu estava com uma câmera Fujifilm S200EXR, com um cartão de memória com capacidade para 250 fotos. Como eu não tinha computador, ficava mais difícil decupar as fotos e meu limite era de 250 fotos por dia. À noite, eu percorria os barracos pedindo um notebook emprestado, para baixar as fotos e formatar o cartão para o dia seguinte. O povo não queria saber quantas fotos eu tinha para bater por dia, queriam que eu fizesse os registros.

Tive que fazer essa gestão de cliques. Foi quando conheci uma mídia que nasceu naquele movimento justamente para fazer a cobertura da mobilização, a Mídia Nativa On, da qual me tornei membro fundador e sou um dos coordenadores. Composto por indígenas de várias etnias do Brasil, a Mídia Nativa On me ajudou com a estrutura, revezava o notebook de um dos integrantes e também as tomadas para carregar os equipamentos.



Após dias dormindo em barracas “alheias”, Setembrino Camlem me arrumou uma barraca pequena, eu não tinha cobertas nem colchão, dormia por cima das roupas com a mochila de travesseiro. Eu até sabia que tinham chegado cobertores de doações, mas no acampamento havia muitas crianças e idosos - que precisavam mais do que eu. Deixei pra eles os cobertores, o frio era intenso à noite, apesar do calor insuportável durante o dia. Essa mudança na temperatura sempre me afeta, o clima seco dificulta minha respiração.

Quando descobriram que eu estava passando frio, o pessoal do acampamento se mobilizou e me ajudou. Suzana Teie, indígena do povo Xokleng, me deu cobertores e um saco de dormir: depois daquele dia, o frio não era mais um problema. Já tinha onde dormir, mas não conseguia estar presente na hora do almoço e janta, pois estava na tenda da comunicação, por isso, meus parentes sempre deixavam um prato de comida separado para mim.





Capítulo 2

o confronto

Na segunda feira, dia 21, após a votação do recurso extraordinário 1017365 ser suspensa no STF, todos os povos ocuparam a frente da Câmara dos Deputados em um ato pacífico contra a votação do PL 490, conhecido como Marco Temporal, que mais tarde seria usado como referência para julgar o processo do povo Xokleng, um projeto que visa reconhecer as terras demarcadas apenas após a promulgação da Constituição Federal de 1988, o que significa dizer que os indígenas que foram expulsos de suas terras antes de 05 de outubro de 1988, data da promulgação, não teriam direito à demarcação delas, nem à sua retomada.

O movimento seguiu tranquilo, com rezo, cantos e maracás. Os indígenas fizeram seu pedido aos espíritos e encantados para que estes intercedessem pelos povos e abençoassem a votação, para que os parlamentares tivessem discernimento de quanto o projeto de lei afetaria os povos indígenas de todo o Brasil. No dia seguinte o povo voltou para a frente da Câmara para acompanhar a votação, na esperança de ter seu pedido atendido. Trajados com seus adornos, pinturas e cantando, o povo segue em direção ao Congresso.





DEMARCAÇÃO
JÁ

FORA BOLSONARO
#DEMARCAÇÃO JÁ

LAKERS
24

5

FORA BOLSONARO
#DEMARCAÇÃO JÁ





REFLORESTE
O
PENSAMENTO

REFLORESTE
O
PENSAMENTO

LIBERTE
O
FUTURO







FORA MARCELO XAVIER
A FUNAI E INDIGENA

BARÃ

VIEN

LO

NEO

!!
Geração
de Luta
e Resistência
Não A PL 490
Demarcação Já!

YOKLENG RESISTE!



Uma cena me chamou atenção, pressentindo o que estava para acontecer, um indígena desabafa e chora, entre gritos e choro, ele comove os parentes que, em silêncio escutam seu clamor. Eu sempre ia na frente do povo para fazer os registros. Quando cheguei na frente da Câmara dos Deputados, me deparei com várias barreiras onde no dia anterior, estávamos fazendo os rezo e cantos. Temendo represália da polícia devido ao confronto que ocorreu uma semana antes na sede da Funai, alguns indígenas construíram escudos de bambu e se posicionaram na frente do povo.

Até aquele momento, tudo corria normalmente, muitas mulheres, crianças e idosos estavam bem na frente da multidão, pois eles que davam ritmo à marcha, a tensão sempre existe em todas as manifestações, mas aquele dia parecia ser mais um dia tranquilo em Brasília, até a chegada na frente da Câmara dos Deputados, aí tudo mudou. O que era para ser um ato pacífico, se transformou em uma cena de guerra, e nessa guerra, os indígenas estavam indefesos e foram oprimidos pelo poder público.











O povo ficou indignado ao ser proibido de estar em um espaço público, que é direito de todos os cidadãos. Um representante do grupo foi conversar com a polícia para chegar a um acordo, me posicionei entre os dois para fazer o registro, foi então que senti uma pancada muito forte na minha orelha. Eu estava com uma mochila, câmera na mão e uma placa no pescoço escrito em letras maiúsculas IMPRENSA, mesmo assim fui agredido covardemente pela polícia. Atordoado pela pancada, corri para frente do prédio da Câmara dos Deputados.



Um misto de sentimentos me passou na cabeça naquele momento. Meu lado guerreiro queria defender o povo, meu lado jornalista queria descobrir o que estava acontecendo, foi então que parei, respirei e pensei: minha “arma” está nas minhas mãos, vou registrar essa violência contra meu povo, passei a mão na orelha, estava sangrando um pouco. Mesmo assim, voltei em direção ao povo correndo e muitas bombas de gás e balas de borrachas mudaram o cenário do local, uma verdadeira cena de guerra, ou melhor, de genocídio.

Por alguns segundos eu fiquei em estado de choque, não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo, vi muitas mulheres, crianças e idosos, assustados e sem saber para onde correr, ajudei como podia, orientei algumas pessoas para correr das bombas, mas continuei indo em direção ao pelotão da Polícia Militar, fazendo os registros e sofrendo com a falta de ar por causa das bombas de gás.



Quando voltei e estava fazendo os registros, ouvi ainda mais bombas sendo lançadas, eu estava com uma lente 70-300 mm, então, vi quatro bombas sendo lançadas: me posicionei e tentei focar nelas, que até então pareciam estar longe. Dei apenas um clique e elas caíram do meu lado, uma bateu no meu pé, o gás era muito forte e como eu já estava com problemas respiratórios devido à diferença de clima, comecei a passar mal. Um homem de terno e gravata em meio à fumaça se aproximou e me ofereceu um produto para pôr nos olhos e aliviar a dor.

Fiz o que ele disse e deu uma aliviada, ele também trocou minha máscara por uma mais resistente. Da mesma forma que apareceu, ele sumiu, do nada. Costumo dizer que foi um anjo que me estendeu a mão, melhorei um pouco e voltei a fazer mais registros, enquanto o povo corria desesperado.

















Muitos indígenas correram para um túnel por onde tinham vindo, porém foram cercados e mais bombas foram jogadas dentro do túnel, não importando se havia mulheres crianças e idosos indefesos. Por alguns instantes minha mente voltou no tempo, voltei para 1500, quando meus antepassados foram agredidos da mesma forma, sem armas, sem escudos, apenas correndo das balas das espingardas de outrora.

Na imagem anterior podemos ver a professora Jéssica Priprá, indígena, do povo Xokleng, que após socorrer um parente de outra etnia, ela sofre com o efeito das bombas de gás.

Um sentimento muito ruim tomou conta de mim naquele momento, respirei fundo mais uma vez, pedi força aos meus ancestrais e continuei indo em direção ao pelotão da Polícia Militar. Foi então que vi muitos do meu povo, que não recuaram e estavam dispostos a dar suas vidas para defender os seus.







POLÍCIA MILITAR

CHOQUE

HOQUE

CHOQUE

CHOQUE

HOQUE

CHOQUE

HOQUE

CHOQUE

HOQUE

HOQUE

ERROS

119

3



CHOQUE

PMDF
SGT ONEZMO

CHOQUE





TAMPAIA

8

POLISI MILITARI

1109.3.1100

Devido a interferência de alguns deputados, começa uma negociação entre a polícia e representantes dos indígenas e o confronto termina. Aos poucos o povo retorna para frente da Câmara do Deputados, a votação do PL 490 é adiado para o outro dia, apesar do susto alguns grupos começam a cantar e dançar, com cantos duas vezes mais alto do que quando chegaram, aproveitei esse momento para refletir sobre o que tinha acontecido, na certeza que tinha feito o certo. Permanecemos no local até entardecer e aos poucos voltamos para o acampamento.

Cheguei na minha barraca exausto, meu rosto queimava, na correria peguei a bomba que me atingiu, trouxe ela comigo, fotografei e hoje ela esta tatuada no meu braço, para sempre lembrar desse dia, que foi um marco para meu povo e para mim também.

A imagem anterior também está tatuada em meu braço, sempre vou lembrar de quando voltei para frente da Câmara dos Deputados, vi meu povo, enfrentando a fúria da polícia para proteger os seus.





Geracao
de Resistencia
Nao A PL 490
Demarcacao Ja!



PHOTOGRAPH BY [unreadable]

PHOTOGRAPH BY [unreadable]

PHOTOGRAPH BY [unreadable]



Geração de Luta e Resistência
Não A Pl 490 Demarcações



Capítulo 3

O dia depois do confronto

O caso repercutiu no Brasil inteiro e após reuniões entre os representantes dos povos indígenas e a Polícia Legislativa, foi acertado para o dia seguinte (23), outra manifestação, porém, sem agressões. Na quarta-feira (23), após uma noite de reflexão e conversas no acampamento, pois o povo estava sem entender o que tinha acontecido, muitos assustados, outros com muita raiva, e com a chegada de mais indígenas de todo os Brasil que responderam ao chamado das lideranças para ir à Capital.

O povo marcha em direção ao Congresso Nacional. Um grupo de mulheres entrega flores aos policiais, como forma de manifestação pacífica. Mesmo após as agressões sofridas o povo sorri e volta para frente da Câmara dos Deputados para fazer os rezos e cantos e pedir aos ancestras proteção e sabedoria para os parlamentares que se encaminham para a votação do PL 490, citado pelos indígena como “PL da morte”.

















**MARCO
TEMPORAL
É GOLPE**



NAO A P L

490



APYAR



NENHUM
RESERVA
FLORESTA
A MENOS

A'UWE TSIRI
CORAÇÃO XAVANTE

FORA

GENOCIDA



No dia 26 de Junho, sábado, fui até a tenda da Mídia Nativa On, para escrever uma reportagem para o Cotidiano, Projeto Institucional de extensão, do Departamento de Jornalismo da UFSC. Era oito horas da manhã, sentei na frente de um notebook emprestado e a música resistência me veio a mente, peguei uma base de rap que achei na internet e comecei a escrever a música, em duas horas ela estava pronta, fiz alguns ajustes depois, mas ela estava praticamente pronta. Chamei dois amigos para ajudar na melodia, pois queria apresentar no evento, antes do povo Xokleng voltar para suas casas.

Tiago, indígena Xokleng cantou comigo na primeira apresentação, fizemos uma base com um violão, ensaiamos para cantar no dia 27, porém, esse dia ficou marcado pela morte do professor Dr. Nanblá Gakran, na Terra Indígena Laklãnõ, especialista na língua Xokleng, um homem que lutou muito para manter a identidade do seu povo, foi autor do dicionário da língua Xokleng, e foi meu professor no ensino médio, por respeito a sua partida e em sua memória, foram feitas homenagens, e as atividades no acampamento foram suspensas.

Apesar da tristeza pela partida do parente, apresentei a música resistência no dia seguinte, foi emocionante ver a reação dos meus parentes, desde então essa música me acompanha, por onde vou. Abaixo a letra da música Resistência:

O esforço que eu fiz pra chegar até aqui, sozinho em Brasília fazendo o que eu sempre quis, lutar pelo meu povo, minha comunidade, fazendo meu trabalho, dando visibilidade.

Marchando todo dia, pois meu povo não para, fazendo os registros, levando bomba na cara, a polícia foi covarde, atacou sem aviso, bate no indígena mas não prende o bandido.

Mas a gente não desiste, a luta continua, em todo o país o povo fechando as ruas, mandando o recado pra quem tiver ouvindo, não mexa com o índio, pois nós somos unidos.

Dormindo em barraca até passando frio, no levante pela terra, dos índios do Brasil, fazendo nossa parte sem discriminar ninguém, dando todo apoio ao povo Xokleng.

Que pela primeira vez, veio à Brasília, lutar por sua causa, longe das famílias, que ficaram na aldeia, fazendo oração, confiando no supremo, pedindo proteção.

Berrando até a morte no seu grito de guerra, pedindo pro governo, demarcar a sua terra, só quero o direito que me foi garantido, me trate com respeito, pois eu não sou bandido.

*Eu vou pedir que deem as mãos, (2X)
o povo unido, sempre é mais forte,
vamos lutar até a morte.*

Música: Resistência (Fernando Xokleng)

